

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: Gustavo Leutwiler e Luíza Coelho

Entrevistada: Taynara Floriano

São Paulo, 01 de junho de 2025.

Duração: 40 minutos

Local: Vila Matilde, São Paulo, SP.

ENTREVISTA COM THAYNARA FLORIANO

Gustavo: Vamos lá. Boa noite

Luíza: Olá, boa noite

Thay: Oi. Boa noite

Gustavo: Bom, a gente vai começar com uma pergunta que é provavelmente a mais importante dessa nossa sessão inteira Tá ? Luíza...

Luíza: Como foi nadar com o boto?

Thay: haha é.. eu acho que foi a experiência mais legal da minha vida. Primeiro porque eu tenho algumas questões em estar sozinha em lugares, em viajar sozinha que me deixam ansiosa, com medo de viver essa experiência, e eu fui a Manaus a trabalho e conhecer a floresta amazônica eu acho que era um dos meus maiores sonhos assim, e eu não estava esperando que aconteceria tão brevemente, então eu fui fazer o passeio né, e dentro desse misto de ansiedades assim, é e coisas... Tem a questão de que também nadar não é uma coisa com que eu estou acostumada, então eu não sei nadar direito testou aprendendo a nadar agora e.. quando eu fui, isso de entrar no rio, esse medo, essa ansiedade e uma maluquice sem fim mas enfim... é.. é entrar no rio nadar e aí o golfinho em si. O golfinho ele apareceu, é isso você tá lá vivendo tudo isso e de repente você acha que o animal vai chegar e você vai fazer um carinho, só que ele passou pelo meio das minhas pernas e me jogou no ar então tipo, tudo que eu vivi ali, toda essa experiência, foi muito absurdo, então às vezes quando eu vou relembro eu fico pensando “pô eu fui realmente sozinha pra Manaus, eu nadei com golfinhos e não tinha nenhum amigo, ninguém da minha família e eu consegui fazer isso e foi uma experiência completamente diferente de como eu idealizei então.. ansiedade e tudo, a gente fica só misturando e não vale de nada, viver é absurdo assim, haha

Gustavo: Que legal.. e essa viagem você fez a partir do trabalho né ? O que exatamente você foi fazer lá ?

Thay: É.. Existe um é.. programa do.. Chamado formaSUS, é uma política pública na verdade que ela é.. enfim, desde que o presidente Lula retomou é.. a presidência, algumas políticas de implementação de educação em saúde pública pelo ministério da saúde tão acontecendo e essas formações acontecem a partir dos territórios, então essa política pública chamada formaSUS ela.. ela é dividida pelas regiões Brasil e em cada lugar cada região existe um encontro de formação em saúde comunitária e pública a partir da saúde

popular da região então o formaSUS é.. eu fui pra Manaus porque eu faço parte da CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras) foi a trabalho de militância e a gente não tem um polo da CONEN em Manaus, então surgiu a vaga e levaram alguém de São Paulo, o que também foi completamente diferente da intenção do formaSUS, que é fazer com que os encontros sejam regionais, para as pessoas daquela.. daquela região falarem sobre a saúde local e eu sendo de São Paulo indo pra Manaus é.. foi muito doido porque eu aprendi questões de saúde pública baseada na região, então, saúde quilombola e indígena que é muito diferente do tipo de saúde pública que a gente estuda aqui em São Paulo e.. enfim acho que o trabalho foi esse mesmo, uma formação a partir da saúde pública do SUS em Manaus.

Luíza: E você nasceu aqui em São Paulo?

Thay: Eu nasci em São Paulo, eu nasci no Hospital Geral de Taipas, na COHAB de Taipas, que é a zona noroeste de São Paulo.

Gustavo: Entendi, e você disse que foi pela CONEN certo? É.. você trabalha lá ? Onde você trabalha ? Quais são suas funções atualmente?

Thay: Eu estou atualmente.. é bem.. é difícil assim.. dizer que a gente faz uma coisa só em movimento social, porque são muitas atividades e muitas funções, mas tecnicamente o meu cargo é de coordenação de comunicação, porque eu cuido das redes sociais e da comunicação interna da CONEN. É... Mas a gente não tem um espaço físico, então a gente está por todos os lugares fazendo muitas coisas.. haha

Gustavo: É.. o seu trabalho é muito nos movimentos sociais né, como que o trabalho e essa atividade social impacta um no outro?

Thay: É.. impacta muito e existe algumas coisas que a gente é.. enquanto trabalho militante, precisa pensar porque eu tenho completa consciência de que o meu trabalho como militante afeta profundamente o meu trabalho capital, que é onde eu recebo dinheiro, apesar do meu trabalho que me remunera ter a ver com as questões ideológicas que eu tenho, ainda assim é um trabalho que demanda porque é isso né, dentro capitalismo, no trabalho a gente acaba vendendo o nosso tempo de vida né. E pro trabalho que me paga sendo o mesmo.. mesmo que ele seja ideologicamente parecido né, com o que eu acredito que esteja aliado aos movimentos sociais, ele demanda de mim uma energia que eu gostaria gastar mais nos movimentos sociais, e aí quando eu acabo fazendo isso eu acabo deixando esse trabalho de lado e talvez isso não impacte tanto lá dentro, talvez seja uma perspectiva que eu tenho mais de fora de saber que pelos movimentos sociais eu tenho uma dedicação maior, é mas eu acho que por eles também né, fazer, fazerem parte desse mesmo mundo compreendem esse espaço da minha vida que eu dedico mais aos movimentos sociais do que o meu trabalho em si, remunerado

Gustavo: Hmhum..

Luíza: Então você se vê como ativista ? Como que você entende ou define o que você faz?

Thay: ... É.. eu acho que eu me entendo mais como militante, não como ativista em si, e eu nem sei se

essa é uma diferença que tá assim é.. descrita no que significa cada uma das coisas, mas eu me entendo como militante porque quando eu entrei nos movimentos sociais, foi assim que me foi apresentado o trabalho que a gente faz né. E aí ativista eu acho que tá muito ligado às pessoas que a gente acaba, sei lá vou usar um exemplo, a Greta né que por muito tempo ficou muito famosa por ser ativista pelo meio ambiente, então são as pessoas que estão ali em ações e atividades é.. enfim talvez mais midiáticas e etc e aí eu me entendo nesse lugar de ser uma militante e o restante desculpa eu acho que eu acabei não respondendo..

Luíza: Era isso, como você entende e define o que você faz.

Thay: É e aí eu acho que é isso assim é um trabalho militante.

Gustavo: Entendi e quando começou a sua.. o seu envolvimento com com movimentos sociais, tipo entrar em uma universidade influenciou de alguma forma?

Thay: Totalmente, porque o meu primeiro contato foi através da universidade, é.. eu já tinha noção do que era um movimento social e de como isso funcionava é.. só que entrando na EACH eu descobri o Levante Popular da Juventude, porque eu faço parte, é isso de 3 movimentos, que é a CONEN, o Levante e o Movimento Brasil Popular, e aí o Levante é muito forte nas universidades de São Paulo né, e na época eu lembro que quando eu tive esse primeiro contato é.. eu estudava na EACH, eu fiz Ciências da Natureza na EACH, e lá a gente tinha é.. alguns problemas que eu acho que ainda existe uma luta com movimento estudantil ainda batalhando por coisas parecidas da minha época assim, há 9 anos atrás, que eu entrei em 2016. A EACH é a USP mais preta e é a USP de São Paulo com a maior concentração de pessoas com baixa renda, e por ser na Zona Leste, que eu acho que isso contribui também, a EACH acaba recebendo o que sobra né, dessa demanda de financeira da USP e tudo mais, e aí participando de atividades estudantis eu conheci o Levante, e a primeira coisa que eu acho que me pegou foi porque eu conheci o Levante numa preparação que eles tavam fazendo pro acampa nacional que eles fazem, e aí eu recebi o convite de ir pra ver como que era, e aí eu fiquei maravilhada né, porque era tipo o primeiro ano de faculdade, eles me colocaram num ônibus me levaram pra BH, a gente ficou acampado do Mineirinho, que é o que eles têm lá de.. de.. bem perto do Mineirão inclusive, mas é de vôlei e basquete outras atividades que o Mineirão é de futebol, e a gente ficou acampado lá, e tinham pessoas de movimentos sociais do Brasil inteiro então tipo, o MST, o Levante, muita gente, muita gente e aí eu fiquei assim desacreditada de como as pessoas se mobilizam, saem suas casas pra passar uma semana fora assim, do seu conforto, porque não era com confortável obviamente, pra discutir soluções políticas pra coisas que eu já entendia mas não sabia como a gente podia fazer pra melhorar, então acho que a universidade foi assim muito importante nesse processo porque me apresentou esse mundo, com certeza.

Luíza: E a sua família teve algum papel na sua construção de pensamento político, como que é essa relação assim?

Thay: Total porque a minha avó materna.. é minha avó paterna na verdade, ela é petista há muitos anos assim, desde acho que antes do meu pai nascer. Então.. e meu vô foi metalúrgico, então é.. acho que não

tem como fugir muito assim, então em casa todo mundo sempre foi de esquerda e eu sempre ouvi as coisas em casa a vida inteira, política e tudo mais, e aí quando eu entrei na universidade eu acho que, você estudar academicamente isso e também tem a questão do levante que me.. me.. me conduziu para aprender mais sobre questões políticas, é uma coisa ali atrelada à outra, então eu não precisei romper com nada, isso não foi um pensamento que elucidou a minha cabeça em relação a sociedade, é uma coisa que eu aprendi em casa mesmo, isso só é só contribuiu

Luíza: É.. trouxe pra vivência do corpo mesmo né tipo, de agir e tal

Thay: sim, sim e porque assim é.. a gente.. eu sempre ouvi as coisas em casa do porque que deveria existir cotas, e porque que a gente deveria é legalizar o aborto, e só assim tipo “isso precisa acontecer” “mas por que que precisa acontecer ?” “Porque precisa acontecer Thaynara porque é assim que as coisas funcionam”. E aí estudar me fez entender porque né, porque a gente.. aí a gente passa a ter contato com dados e com teorias e coisas assim

Gustavo: Sim, a faculdade complementou bastante então essa.. esse entendimento?

Thay: sim, sim por coisas que às vezes a gente nem.. nem sabe né, então sei lá, acho que é isso, sempre ouvir da minha família que existia uma necessidade de ter cotas raciais nas universidades e depois pensar, “mas por que será? assim sei lá eu sou jovem eu tô estudando eu posso estudar também e passar na universidade como uma pessoa branca”, e aí você entra na universidade aí você vê que “pô eu entrei, mas não tem mais pessoas como eu aqui”, entendeu. por que não ? aí você vai numa aula e aí um professor te explica o que que aconteceu na História do Brasil que fez com que não estivessem pessoas como eu dentro daquela universidade então, a universidade é fundamental assim, ainda é né porque eu não não saí, ainda estou, então acho a universidade fundamental pra construção das minhas ideias políticas e dos meus estudos políticos,

Gustavo: Entendi.. e agora você tá no mestrado, certo ? pela PROLAM, é ... fala um pouquinho sobre a escolha do seu objeto de estudo.

Thay: tá é.. bom eu falei pra vocês que eu faço as parte da CONEN, e na CONEN eu tive contato com um dirigente, o flavinho é.. eu atuei com o flavinho um tempo, e aí é muito doido porque às vezes a gente não tem noção da onde a gente está e da importância do trabalho que a gente tá fazendo e das pessoas que a gente convive dentro desse espaço de trabalho e enfim. O flavinho era meu dirigente eu entrei no movimento negro ele me ensinou muitas coisas assim como ensinou pro Tyson que é um amigo meu, e o Pedro também, porque nós 3 somos os mais jovens atuantes ali na CONEN mais próximos então, a gente conviveu muito com o Gilson, com Flavinho, é com a Max e... durante um tempo, eu fiquei pensando em como.. como eu poderia fazer com que a minha pesquisa de mestrado valesse a pena, no sentido de que eu sou uma mulher negra, periférica, eu estudo na USP e a minha pesquisa precisa ser relevante o suficiente para que pessoas como eu possam é... entender socialmente as coisas que acontecem, principalmente dos últimos anos pra cá, onde a gente tem uma subversão de fatos históricos e coisas, porque a extrema direita assumiu o controle total do que é a comunicação, não só no Brasil, mas no mundo inteiro hoje, então a gente tem muita dificuldade de dialogar com a juventude, enfim... com todo mundo eu acho que no geral

assim, então a minha pesquisa precisaria ser algo que faça valer a importância é... do trabalho de vida do Flavinho, da Max e do Gilson, de todos esses anos no movimento negro. Então eu já tinha pensado em estudar algo referente ao movimento negro, e aí o que aconteceu, eu perdi o Flavinho, todos nós perdemos na verdade né, porque a importância social do Flavinho para a história do movimento negro é muito grande, e é isso a gente só aprende depois que a gente já está lá envolvido com as coisas, então o Flavinho faleceu, e aí... e tem uma coisa... o Flavinho sempre cobrava muito que a gente estudasse assim, porque ele falava que a gente tinha que estudar, e escrever coisas, e publicar coisas com o nosso nome, ele falava “você têm que estudar e eu tenho que ir na biblioteca e falar o nome de vocês e me trazerem livros de vocês, essas coisas precisam existir, então às vezes a gente tinha atividade no meio da semana, quarta-feira à noite, e a gente ia para a reunião e chegava lá e ele falava “por que vocês estão aqui e vocês não estão na aula ?” e a gente tipo “sei lá né”, então ele queria muito que a gente estudasse, e aí quando o Flavinho faleceu eu pensei, “é acho que, dele falar sobre as pessoas e as coisas e como a gente precisa escrever, alguém precisa contar a história do Flavinho”, “por quê?”, porque o Flavinho é um militante, político, negro, de esquerda, do Brasil que é... ele é o primeiro secretário racial do PT pra começar, ele brigou pela existência dessa secretaria, ele foi o primeiro secretário, numa época onde a esquerda não acreditava que dialogar sobre questões de raça era importante, porque a gente tinha questões mais importantes, operárias, de trabalho pra discutir, e a gente não pode deixar de fazer o recorte racial, porque dentro de todas as questões sociais que envolvem o Brasil, apesar de tudo estar.. fazer parte da mesma coisa, a gente precisa fazer essa diferenciação porque os números em questão de raça são muito discrepantes, então não tem como a gente não fazer esse recorte, então o Flavinho tava nessa secretaria, o Flavinho lutou é.. contra a ditadura no Brasil, o Flavinho tava na escadaria do Municipal quando.. junto com a Lélia Gonzalez, quando eles estavam lutando por questões raciais importantes no Brasil, e enfim a secretaria, que agora virou o ministério de igualdade racial, o projeto o Flavinho estava, é... a Lei de cotas o Flavinho estava, então ele estava em todos esses momentos importantes para a construção das vitórias do movimento negro no Brasil, e o Flavinho nunca aparecia, porque se você for procurar as coisas, você até encontra uma coisa ou outra no nome dele mas a maioria não, porque o Flavinho não gostava de aparecer e ele achava isso assim.. muito incômodo é... ele ter que estar nos lugares falando quem ele era, e sobre os trabalhos que ele tinha feito, porque ele achava que o coletivo era mais importante, então ele não assinava Flavinho, ele assinava CONEN, é... só que eu acho que pela grandeza de um homem que existiu num país como o Brasil, e humildemente abdicou da sua é pessoas estando à frente de coisas que são tão importantes, ele precisa ser mostrado então... ele... ele... as pessoas precisam saber quem é ele, então eu decidi que eu falaria sobre o Flavinho né, pensando nessa importância que ele deu pra que a gente pudesse escrever coisas, então eu quero escrever sobre ele, sobre a perspectiva do crescimento do movimento negro contemporâneo do Brasil, a partir das experiências que o Flavinho esteve envolvido, só que é... a PROLAM faz um estudo comparativo né, então eu teria que escolher um outro país era da América Latina que... pra estudar o movimento negro e eu escolhi Cuba, porque existe uma contradição fortíssima em Cuba, em relação à questão do movimento negro também que muito parecido com a esquerda brasileira, é... quando houve a Revolução Cubana, o Fidel é... meio que, e sim implementou que pela constituição cubana revolucionária, falando isso com todo respeito, é ... todas as pessoas seriam vistas como iguais, e é isso é um grande problema numa sociedade multicultural e diversa, porque a gente não pode olhar pras pessoas como se todas elas fossem iguais, pensando que a América Latina é um lugar, um território né.. em que foi colonizado e que é... além dos povos originários, que nós temos aqui, a cultura dos povos

originários, a cultura de outros povos trazidos pra cá, e a gente fazer o apagamento disso, e lidar com todo mundo como se fosse igual é apagamento cultural e histórico, como a colonização faz, então a gente não pode né... as coisas em Cuba melhoraram em relação a isso faz um tempo, mas eu quis fazer é... a pesquisa baseada sei lá assim da década de 60, 70 pra cá, contando os contextos históricos e políticos que... daquela época até agora fazem um movimento negro nos 2 países, e aí em Cuba é isso né, é.. é uma.. é comparativo então eu vou estudar a partir da perspectiva do Professor Carlos Moore, que ele é cubano, exilado desde a época em que ele esteve atuante com o Fidel, trabalhou com o Fidel, e eles brigaram, e ele foi exilado porque o fidel quis prender ele exatamente porque ele achava que as reivindicações raciais que o Professor fazia não deveriam ser feitas naquele momento, e o professor não se calou, então ele foi preso, acho que 3 vezes ou 2, e aí assim, depois da última ele foi exilado, e o Professor viveu aqui no Brasil muitos anos assim, trabalhou na Federal da Bahia, então é... ele é bem incrível, assim como Flavinho então... acho que é digno fazer uma comparação entre os 2,

Gustavo: Bom e é isso pensando na atividade dos 2 mas principalmente do Flavinho é...

Luíza: Antes dessa pergunta.. eu queria perguntar, o Flavinho ele também foi um dos fundadores do PT, é isso?

Thay: sim sim ele... ele esteve lá. É porque assim, isso de ser um dos fundadores do PT, são muitas histórias e muitas coisas, mas o Flavinho é uma das pessoas que pensou a idealização assim, do projeto do partido. É.. mas ele não é a pessoa que tá lá no marco zero, tipo “não. a partir de agora o PT existe” e tudo mais, mas ele pensou e fundamentou o partido nessa ideia de ser operário e trouxe as questões do movimento negro pra dentro do partido

Gustavo: Entendi...

Luíza: Sim.. é.. eu pergunto porque é uma das primeiras informações, quando a gente joga o nome dele no Google, já traz que ele foi um dos fundadores do PT.

Thay: É, porque muitas pessoas foram fundadoras do PT assim né, e aí porque ajudaram essa construção do partido como partido, mas ele não estava lá no primeiro momento em que eles...

Gustavo: Sim. é.. é difícil... como você... como você falou que ele não assinava com o nome dele né, mas sim como coletivo, tem realmente muito pouca coisa, eu acho que sua pesquisa é bem importante pra... pra trazer a figura de fato. E pensando nessa figura, o que que a gente aprendeu com o trabalho dele, que você acha que a gente deve dar continuidade, que a gente deve usar para nossas lutas e reivindicações?

Thay: É... bom tem uma coisa que eu acho que, não só do Flavinho em si, mas quando a gente pensa em todo... todo o apagamento histórico que o movimento negro tem ao longo de todos esses anos, porque é isso assim, um povo quando é... ele precisa sobreviver e arruma outras formas de se comunicar, e de fazer com que esse aprendizado passe para as pessoas é... porque é isso né, quando você... você tem a

assinatura lá da Lei Áurea, e aí o povo negro tá liberto, e eles a partir de agora podem fazer o que eles quiserem, você não... você não dá casa pra essas pessoas, você não faz uma reforma agrária no país, você não dá casa pra essas pessoas, você não permite que elas têm acesso à educação e você deixar elas à margem. Então... não estudando você não escreve coisas, e talvez a importância do Flavinho fazer com que a gente escreva, que a gente estude, é exatamente para que a gente não fique só no campo da oralidade, que é muito importante porque é isso que faz com que a nossa cultura não se apague, mas é... isso foi uma forma de resistência ao longo dos anos, e a partir do momento que a gente consegue avançar em muitas coisas, principalmente fazer com que jovens negros acessem universidades e educação, a gente tem que fazer com que essas pesquisas estejam escritas também, e que essas coisas estejam disponíveis para outras pessoas lerem, então eu acho que das coisas que eu aprendi com o Flavinho, além da questão do coletivo né, e de como a gente precisa estar sempre trabalhando para um bem comum né, e eu ia falar um bem maior, mas é muito ruim esse bem maior porque parece que deixa no campo do imaginário do não sei...

Gustavo: Do ideal..

Thay: É, do espiritual e assim, não, as coisas precisam ser pra agora sabe, as pessoas precisam comer agora, a gente precisa... pô um país como o Brasil. São Paulo assim, eu nem vou expandir tanto pro Brasil inteiro. Nós temos mais casas vazias do que pessoas morando na rua e as pessoas ainda estão nas ruas sabe, então é... toneladas de comida precisam ir pro lixo, pra manter um valor de alimento, pra que pessoas não acessem essa comida, e é assim que funciona né, a oferta e demanda no Brasil e isso tudo é muito absurdo, então eu acho que pensar na luta no coletivo é muito importante, as ações precisam ser feitas agora, as coisas precisam ser feitas agora, e a gente só consegue fazer isso com mais pessoas tendo acesso a essa elucidação que nós tivemos, “como?”, estudando, então você precisa fazer com que seja possível que mulheres que são mães solo, que cuidam de filho sozinha, que essas crianças tenham acesso à educação e que ela saiba que ela tem direito a dar essa educação para os filhos dela, que ela tem direito a um Bolsa Família, que isso vai ajudar ela, que ela tem direito sei lá, no mais simples assim, políticas públicas muito básicas, que são: mulheres são violentadas constantemente em médicos, em hospitais, toda mulher, estando grávida ou não, tem direito a acompanhante, e as pessoas não sabem disso, então você não precisa ser uma mulher menor de idade, você, sei lá você tem 20 anos e você quer entrar com a sua mãe no médico, a sua mãe pode entrar, não podem proibir isso, porque isso é uma política pública, uma coisa simples, que estava no seu direito mas as pessoas não sabem, então eu acho que que é isso assim, é o que eu acho que entendi nesse tempo com o Flavinho é que eu tenho uma responsabilidade social de passar aquilo que eu aprendo, então pode ser escrevendo, pode ser na oralidade também com quem não consegue ler, porque como eu posso fazer as duas coisas eu tenho essa obrigação, como militante, de fazer isso e não porque eu sou obrigada, porque é isso assim... “você é obrigada a fazer isso, você tem que fazer porque você aprendeu” não, porque isso nunca me foi imposto assim, a partir do momento que eu vi como eles faziam eu acho que eu falei “eu quero ser como eles são” e é assim...

Luíza: Legal... e acho que a gente pode vir pra cá é... sobre a articulação desses dois mundos, enquanto

pesquisadora e enquanto militante assim,
o trabalho prático

o trabalho prático eles.. eles se complementam tipo porque.. você falou bastante assim né e... parece que as coisas se misturam, mas eu queria entender mais assim: como que você se enxerga dentro desse lugar acadêmico sabe? Enquanto mulher negra, enquanto... essa pessoa que quer que outras pessoas como você tenham o mesmo acesso assim, como que é estar na universidade? Como que é ver... se ver nesse lugar, que é um lugar “da elite” por assim dizer, sabe?

Thay: É bem ruim assim na maior parte do tempo, porque isso exige uma, assim... existe todo um caminho que é feito pra que pessoas como eu não acessem espaço né, e eu tenho consciência disso, e aí a partir do momento que eu estou lá e que eu estou falando coisas, que muitas vezes para eles não é importante, porque tem uma coisa que a gente sempre fala nos movimentos sociais é que, quando a gente tá nervoso, ou porque alguma coisa enfim que a esquema direita fez, a gente fala olha como eles fazem errado, tudo eles fazem errado, e eles não fazem errado né, parece errado porque a gente gostaria que eles fizessem de uma forma que beneficiasse a todos, pra eles tá dando certo, eles tão fazendo certo, está acontecendo exatamente como eles queriam né, a desigualdade é fomentada exatamente do jeito que eles queriam que fosse, e aí estar dentro desses lugares e falar essas coisas, é muito doido porque quem tá lá dentro também sabe que é assim, então eu já sofri racismo numa aula de um

professor quando eu estudava na EACH, e ele não sabia o que ele tava fazendo? não, ele sabia exatamente o que ele tava fazendo, e tipo pra ele tudo bem fazer isso, o problema é pra mim que está passando por isso, então estar nesse lugar é assim, é muito ruim quase sempre, porque quando não é, sei lá é uma questão da minha pesquisa que não é relevante eles fazem não parecer relevante, é a dificuldade da luta pelo auxílio permanência, que você precisa se humilhar para que eles paguem um valor ridículo que não paga nem o seu aluguel, e aí se você consegue um quarto no CRUSP, agora se eu não me engano eles até fizeram reformas recentes, mas quando eu entrei em 2016, tipo assim ninguém queria morar lá, ninguém queria morar lá, e aí eu moro na periferia de São Paulo e eu estudo no outro, na outra periferia, no extremo da outra periferia, então sei lá 4 horas pra chegar na faculdade, eu ainda preciso trabalhar de dia, e uma pessoa que tem grana, que os pais possibilitaram que ela tivesse acesso à universidade, vai de carro ou não pega o mesmo trânsito que eu, então quando eu vou pra aula eu já tô exausta eu já nem quero prestar atenção, mas eu preciso me fazer presente pra ganhar uma presença, pra não reprovar na matéria porque eu preciso do diploma, e aí é poder fazer esse contraste e pensar que a universidade não pode ser pra mim só é uma coisa mecânica, que eu vou lá só porque eu preciso ter um diploma, só porque eu preciso de um trabalho pra melhorar de vida, é... isso é assim acho que foi uma das dificuldades maiores que eu tive ali nos meus primeiros 2 anos, porque eu mudei de curso né então eu fiz Ciências da Natureza, depois eu mudei pra Educação Física e depois eu me formei em Educom. E aí nesse anseio de fazer algo que eu gostasse um pouco mais pra que eu visse prazer em estudar e aprender o que eu tava aprendendo, porque pra mim era só eu precisar de um diploma pra ganhar melhor e acabar a faculdade e foda-se assim, só que não né porque o estudo me possibilitou perceber coisas que antes eu não percebia né, e me possibili.. me abriu assim um leque de possibilidade de fazer coisas que eu gosto, de aprender coisas que eu gosto, que esse estudo que a gente faz só pela questão do capital mesmo não te traz prazer, então no começo foi muito difícil pra mim romper com isso e entender que eu poderia fazer porque eu gosto de estudar, e porque eu senti, sentia o prazer em fazer isso, e porque estudar é importante pra que eu consiga analisar diferentes

coisas, diversas coisas, num mundo onde a gente não pode achar que tudo é a mesma coisa né, então por muitas vezes eu achei que assim... eu não merecia mesmo estar ali, que eu não poderia estar ali, só que aí depois que você... os movimentos sociais me ajudaram muito em relação a isso também, em conseguir entender que além de ser um espaço que eu poderia aprender, é um espaço que é pra mim também sabe? Por mais que seja moldado numa questão, todo estudo que a gente faz no Brasil hoje é super voltado à Europa e tudo mais, foi dentro da universidade que eu descobri, que eu percebi que existiam outras maneiras de estudar além do eurocentrico. Então eu poderia voltar e resgatar coisas dos movimentos sociais de outros países, do movimento negro de outros lugares, e aí descobrir a minha própria forma de estudar, o meu próprio jeito de entender as coisas, e de juntar né, uma coisa com a outra, com o que eu aprendi nos movimentos sociais e com o que eu aprendo na universidade, e aí às vezes é muito cansativo porque, é isso assim, eu me formei eu tenho um diploma mas eu ainda não estou rica, e talvez eu nem fique, e tudo bem também não ficar né, mas tira a um pouco dessa carga que a gente que é pobre tem, de que a gente precisa estudar pra ganhar a vida, pra se dar bem na vida, então eu entrei na universidade com essa cabeça e as coisas foram mudando, e se

adaptando, e depois também percebi que por eu poder estar ali, por eu merecer estar ali, não no sentido de que eu lutei muito pra estar naquele lugar, mas porque a universidade é pública, e é pra todos, então aquele lugar também me pertence, eu posso estudar e eu devo abrir portas para que outras pessoas como eu possam estar ali também, e é isso assim mesmo que eu não consiga é.. é convencer várias, vários estudantes jovens negros de periferia que eles devem estar nesse lugar, que eles merecem estar nesse lugar, pelo menos possibilitar que eles compreendam que é acessível assim sabe? tipo “ah Thaynara beleza, não vou fazer faculdade, não quero entrar na USP.” tudo bem, mas você sabe que você pode? “Sei”, então é isso, porque se ele não quiser ele vai falar pra outra pessoa que ele sabe que é possível e que isso vai acontecer né, o ideal é que a gente conseguisse levar todo mundo, mas... aos poucos né

Gustavo: Hmhum

Thay: Porque é isso pro Flavinho foi uma realidade e a minha geração já, já mudou isso né então as próximas a tendência é que sejam melhores sempre, a gente precisa acreditar nisso porque se não também dá uma surtada né hahah

Gustavo: haha é e pensar nisso qual futuro que você enxerga né ... pra esses movimentos sociais ou pra tipo... é se você consegue imaginar a academia fazendo parte desse futuro, fazendo parte dos movimentos sociais, uma integração boa ou quais seriam as mudanças se, se fosse integrar as duas coisas?

Thay: é.. eu tenho uma resposta pra isso que eu acho que é a coisa mais simples e difícil ao mesmo tempo que eu consigo pensar na minha cabeça agora, que é exatamente o fato de que eu sou a academia hoje, por mais que a “academia”, “academia” não entenda que eu seja, ou não queira que eu faça parte disso, eu sou, porque eu produzo pensamento científico no Brasil hoje, eu faço mestrado, então a academia já está mudando, a academia já é diferente, então se eu estou lá, e se outras pessoas como eu estão, como os meus amigos dos movimentos sociais estão também, vai chegar um momento que não vai adiantar eles acharem que as regras que eles usam, só elas vão valer porque no meu exercício acadêmico, dentro da instituição onde eu estou já mudou, então já não é uma coisa só, de alguma forma já é diverso, então é.. ao meu ver

assim como uma reforma política no Brasil revolucionária, fazer com que a academia também passe por esse processo revolucionário, que tende a ser até mais rápido do que a gente acredita que socialmente pode acontecer, porque eu ainda não sou presidente do Brasil mas eu já sou acadêmica entendeu, eu já estou lá

Luíza: hahah

Gustavo: haha

Thay: Então já mudou, a minha forma de escrever já é diferente né, a minha forma de apresentar um projeto já é diferente, o que eu falo já rompe com muitas coisas, então a academia já mudou assim, e a gente tá nesse processo de fazer com que mude mais em outros lugares, mas ela já é diferente a partir da minha presença lá, e a tendência é isso, puxar

mais pessoas pra que ela fique cada vez mais diferente, porque mesmo alguém que tem a minha idade e seja do movimento negro como eu, é uma outra pessoa então é... isso já é uma outra reforma, então, é Paulo Freire fala muito sobre o esperar, e a gente fala sobre muito isso nos movimentos sociais então... ter esperança não na esperança de algo que... aí tá ali no subjetivo do pensamento, não, nós estamos trabalhando, é esperança no nosso próprio trabalho na nossa própria ação coletiva, não tem como ficar a mesma coisa pra sempre, nós já estamos dentro dos espaços políticos ou não, acadêmicos ou não é.. nós estamos adentrando os espaços sociais que a gente acredita que possa ter uma configuração política, a partir do momento que a gente se integra lá, então acho que.. que essa esperança de coisas que vem pra um futuro não, o futuro é agora, está acontecendo agora e nós já estamos revolucionando, apesar... é isso também, vou falar de novo, querer uma revolução mais drástica, uma coisa mais forte que assim... que rompa de uma vez é meio difícil de acontecer agora, mas as revoluções que a gente vai fazendo dentro dos pequenos espaços já é muita coisa assim, então acho que eu fico feliz por a gente conseguir caminhar assim.

Gustavo: Perfeito

Luíza: Nossa muito linda sua fala, muito potente

Gustavo: Sim, é eu acho que é isso, é aqui, terminamos nesse, nesse tom de esperança **Thay:**

Haha, é isso gente, obrigada

Gustavo: A gente que agradece, muito obrigado

Luíza: Muito obrigada.